

INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES ESPECIAIS NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE QUIXADÁ

Hévilla Suelen T.TAVARES¹; Pedro Paulo C. SARAIVA¹; Laécio N. MACEDO¹

(1) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE – Campus Quixadá
Estrada do Açude Cedro, Km 5, s/n - Quixadá – CE - Cep 63900-000 - Caixa Postal: 95
hevillatavares_model@hotmail.com; pedro.domjuan@hotmail.com; laecio@virtual.ufc.br

RESUMO

A Lei n.º. 9.394/96 (LDB, art. 4º, III) estabelece que o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência deve ser realizado, preferencialmente, na rede regular de ensino. Mas será que escolas regulares estão preparadas para realizar este atendimento? O presente estudo tem como objetivo investigar a realidade de duas escolas públicas regulares que atendem alunos com necessidades especiais e mostrar quais os principais problemas enfrentados pelos alunos incluídos, professores, coordenadores e pais ao tomarem a decisão de incluírem na escola regular tais alunos. Nesse estudo, realizou-se uma pesquisa de campo e utilizou-se a seguinte metodologia: observação participante com uso de entrevistas aos professores e coordenadores pedagógicos das escolas. Os pesquisadores se juntaram a uma turma do terceiro ano de duas escolas de ensino fundamental da rede pública do município de Quixadá. A análise dos resultados parece indicar que tais escolas apresentam problemas bem diferentes em relação à infra-estrutura, mas problemas semelhantes em relação ao treinamento dos professores e na interação com os alunos especiais. Mas ainda estão longe de apresentar um ensino inclusivo de qualidade e que ajude esses alunos a alcançar um nível de aprendizagem que seja significativo e os capacitem a seguir seus estudos, entrando em um curso de formação superior.

Palavras-chave: necessidades especiais; educação inclusiva, ensino fundamental

1 INTRODUÇÃO

A escola é o lugar onde passamos grande parte da nossa vida. É lá que aprendemos a ler e a escrever e também é o lugar onde nos preparamos para enfrentar a sociedade. Então é fundamental que todos possam frequentar uma escola.

Recentemente as escolas em geral estão recebendo alunos com necessidades especiais. Daí surge alguns problemas que deveriam ser discutidos antes da inclusão acontecer. Será que as escolas estão preparadas para receber alunos com necessidades especiais? Os professores estão capacitados para trabalhar com esses alunos? Estas questões devem ser discutidas por cada instituição de ensino, para que, quando esses alunos forem recebidos, fiquem a vontade e não se sintam incapazes de aprender por causa de suas necessidades.

Alunos com necessidades especiais têm sim o direito de ter uma educação de qualidade e, principalmente, de conviver com o mundo em que vivem de forma que não se sintam excluídos. O pacto mundial, firmado através da Declaração de Salamanca, foi o passo inicial para implantação de uma educação inclusiva. Em documento firmado em 1994, por 92 países e 25 organizações não governamentais, foi consolidado o compromisso de organizar uma educação para crianças, jovens e adultos com necessidades especiais, dentro de uma perspectiva de ensino regular (UNESCO, 1994).

Inicialmente, apresenta-se um pouco da história da infância e da educação especial no Brasil, destacando algumas contradições e ambigüidades que permeiam esta modalidade de ensino. Em seguida, apresenta-se a proposta deste artigo e sua metodologia. Na sequência, realiza-se a análise dos resultados e as discussões que aponta para o aumento do investimento em qualificação, treinamento dos professores e melhoria da infraestrutura das escolas públicas para um atendimento de qualidade aos alunos com necessidades especiais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para Fontes (2005), a história da infância no Brasil está ligada ao preconceito, exploração, abandono e exclusão social. Desde o início da colonização, havia uma diferenciação entre as crianças segundo sua classe social. Elas tinham direitos e lugares diversos na sociedade. Deste modo, poucas crianças tinham a chance de ascensão social com direito a uma educação de qualidade e oportunidades dignas de trabalho. Muitos viviam em regime de escravidão, sendo considerados como seres doentes, inferiores e até incapazes de aprender. Não havia, na sociedade da época, o desejo de inclusão e reabilitação destas crianças.

De acordo com Moreno (2009, p. 1) “a ideia de uma sociedade inclusiva fundamenta-se numa filosofia que reconhece e valoriza a diversidade como característica inerente à constituição de qualquer sociedade”. Dessa forma, sabendo-se dos desafios que as instituições de ensino têm diante da tarefa da inclusão e que estas escolas não estão preparadas para acolher e lidar com o diferente, busca-se identificar os problemas e dificuldades existentes em nossa região quanto à inclusão de alunos com necessidades especiais. .

Conforme a perspectiva de Beyer (2005, p. 17) na história da educação especial. “nunca houve uma escola que recebesse todas as crianças, sem exceção alguma. As escolas sempre se serviram de algum tipo de seleção. Todas elas foram, cada uma à sua maneira, escolas especiais, isto é, escolas para crianças selecionadas”.

Desse modo, percebe-se que, historicamente, sempre houve alguma forma de seleção, portanto, a sombra da exclusão sempre esteve presente nas escolas públicas e privadas.

As escolas chamadas “especiais” possuem uma diferença que atrapalha a tarefa de inclusão de alunos especiais em escolas regulares. As escolas “especiais” usam, na sua maioria, um método terapêutico, ou seja, trabalham com médicos e professores dentro da instituição, porém, os métodos terapêuticos para tratamento dos alunos, se destacam mais que os métodos educacionais dificultando o nível de aprendizagem dos alunos.

Quando o aluno sai das tais escolas “especiais”, e passam para escolas inclusivas, encontra diversas dificuldades, o que pode causar um tipo de rejeição do aluno em relação à nova escola, o que acaba causando problemas, no processo de aprendizagem do aluno. A tarefa da escola inclusiva é justamente se adaptar e eliminar esses tais problemas e dificuldades dos alunos especiais, para que se possa proporcionar uma educação de qualidade para esses alunos.

Muitas escolas públicas buscam se adaptar para atender esses alunos, mas como toda mudança desse porte demanda tempo e boa infra-estrutura, e mais ainda, precisa de professores capacitados, para atender com qualidade, e de maneira igualitária a todos os alunos independente de serem portadores de deficiências especiais ou não. Ainda temos um longo caminho a ser percorrido.

Segundo Masiero (2009) ainda existem muitas contradições e ambigüidades que permeiam esta modalidade de educação. A própria LDB nº 9.394 prevê que, quando necessário, haverá serviço de apoio especializado para atender ao educando com necessidades especiais (BRASIL, 1996). Mas qual escola da rede pública está preparada para esse tipo de atendimento? Se nem todos os professores são especializados e a escola não possui estrutura adequada para receber esses alunos?

Estas questões precisam ser discutidas e avaliadas. A escola quer receber esses alunos, mas também precisam estar preparadas para dar uma educação de qualidade para essas crianças e adolescentes. Para isso necessitam ainda de muitas mudanças, investimento, treinamento e apoio governamental. De acordo com Carvalho (2004, p. 77) “A letra das leis, os textos teóricos e os discursos que proferimos asseguram os direitos, mas o que os garante são as efetivas ações, na medida em que se concretizam os dispositivos legais e todas as deliberações contidas nos textos de políticas públicas”.

3 DESCRIÇÃO DA PROPOSTA

O presente estudo teve como objetivo investigar a realidade de duas escolas públicas regulares que atendem alunos com necessidades especiais e mostrar quais os principais problemas enfrentados pelos alunos incluídos, professores, coordenadores e pais de alunos.

4 METODOLOGIA

Neste estudo utilizou-se a observação participante e entrevistas não estruturadas com os responsáveis pela educação de alunos com necessidades especiais. A observação participante é uma técnica muito utilizada em pesquisa social e consiste na inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo por alguns períodos com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação (GIL, 1991).

4.1 Participantes

Os participantes deste estudo foram: o coordenador (a) pedagógico (a) de cada escola, professores e alunos com necessidades especiais de duas escolas de ensino fundamental I da rede pública de ensino do município de Quixadá.

4.2 Procedimentos

Os pesquisadores se juntaram a uma turma do terceiro ano do Ensino Fundamental e observaram alguns alunos com necessidades especiais no horário de aula e a estrutura física da escola. Realizou-se também entrevistas com o (a) coordenador (a) pedagógico (a) e com um professor de cada escola que atendia aos alunos portadores de necessidades especiais.

4.3 Análise e Interpretação dos Dados

Ao entrevistar os coordenadores vimos que as duas escolas possuem diferentes tipos de problemas em relação ao atendimento de alunos especiais. Abaixo seguem as perguntas que foram feitas aos coordenadores:

1. Quais os tipos mais comuns de deficiências recebidas pela escola?

<i>ESCOLA 01</i>	ESCOLA 02
Deficientes auditivos	Deficientes auditivos
Deficientes físicos	Deficientes físicos
Deficientes mentais	Deficientes mentais

Quadro 1 – Tipos de deficiências recebidas na escola

O Quadro 1 indica uma semelhança entre os diferentes tipos de deficiências que foram recebidas nestas duas escolas nos últimos anos. Isso parece indicar que as deficiências mais comuns na região de Quixadá são de ordem auditivas, físicas e mentais.

Tal fato nos levou a questionar se os professores estão preparados para atender essa demanda. Os resultados podem ser vistos no Quadro 2.

2. Os professores são especializados em educação especial ou recebem algum tipo de treinamento?

<i>ESCOLA 01</i>	ESCOLA 02
A maioria é especializada e os poucos que ainda não a possuem estão freqüentando cursos para se prepararem para receber esse tipo de aluno.	Somente alguns professores possuem essa especialização, porém, os outros farão cursos que os preparará para receber esses alunos.

Quadro 2 – Nível de especialização do professores

Conforme pode ser visto no Quadro 2, as duas escolas ainda não possuem todos os professores capacitados para o atendimento de alunos especiais. Mesmo assim observa-se que na Escola 1 a situação é um pouco mais confortável, uma vez que poucos professores necessitam de treinamento. Já na Escola 2 a situação se inverte e existe a carência de treinamento para a maioria dos professores.

Diante dessa constatação, perguntou-se pelo número de alunos com necessidades especiais que foram recebidos por cada escola no ano anterior e a resposta pode ser vista no Quadro 3.

3. Quantos alunos especiais foram recebidos na escola e inclusos no ano de 2009?

<i>ESCOLA 01</i>	ESCOLA 02
14 alunos foram inclusos em salas de aula normais e reduzidas	16 alunos foram inclusos em salas de aula reduzidas

Quadro 3 – Quantidade de alunos especiais recebidos pela escola em 2009

O Quadro 3 indica que a Escola 2 recebeu mais alunos que a Escola 1. Uma recebeu 16 alunos, enquanto a outra recebeu apenas 14 alunos. Isso nos leva a pensar sobre os problemas enfrentados por estes alunos no processo de inclusão social dentro destas escolas.

Estas questões foram exploradas no item a seguir:

4. Quais os principais problemas enfrentados para incluir esse tipo de aluno?

Nas duas escolas obtemos a mesma resposta: a maior dificuldade enfrentada é a decisão dos pais desses alunos de incluírem e de eles mesmos aceitarem ser inclusos, pois o preconceito muitas vezes, parte dos próprios interessados.

Isso parece indicar que a verdadeira inclusão começa dentro de casa e dentro de cada indivíduo. Portanto, não adianta fazer uma inclusão de “fora-para-dentro” se a própria família não sabe aceitar, amar, cuidar e acolher os seus participantes da forma correta.

Perguntou-se também o seguinte: alunos com necessidades especiais têm dificuldades de passar de ano? Aqui também as respostas foram semelhantes: as duas escolas responderam que alguns sentem dificuldades na hora de aprender, mas que depois de exercitarem bastante eles aprendem e que é normal qualquer um dos alunos, especiais ou não, sentirem dificuldades que logo são superados após um período de tempo e dedicação.

Em relação à infra-estrutura das escolas para atender aos alunos especiais temos a seguinte análise:

ANÁLISE DA ESCOLA 01

Nesta escola vimos que algumas coisas já foram mudadas, por exemplo, as portas foram alargadas para facilitar a passagem de alunos com deficiência física e toda a escola já possui rampas de acesso desde a entrada até aos banheiros.

Cada sala de aula com alunos incluídos possui, além do professor, um monitor para ajudar na comunicação aluno/professor e aluno/aluno. A escola também possui salas específicas, com alunos que estão em processo de inclusão. Ao todos são 03(três) salas: 02(duas) pela manhã e 01(uma) à tarde. Os alunos incluídos também possuem habilidades na hora de aprender na sala de aula, como por exemplo, a leitura labial. Nesta escola, cada aluno com necessidade especial tem direito a ter avaliações de acordo com as suas necessidades e recebem apoio pedagógico sempre que necessitam.

ANÁLISE DA ESCOLA 02

Nesta escola, diferentemente da anterior, a estrutura é precária. Não possui rampas de acesso e a distância percorrida entre a entrada e o pátio da escola não é coberta e nem calçada. A escola não possui espaço suficiente para atender a todas as crianças, principalmente as que possuem necessidades especiais.

Nas salas com alunos incluídos as turmas são reduzidas, mas nem todos os professores são capacitados e os alunos não recebem avaliações de acordo com as suas necessidades. A escola possui apoio pedagógico do distrito ao qual faz parte, mas para isso, os alunos precisam marcar hora e data para serem atendidos, pois o distrito também atende a outras 05(cinco) escolas.

Ao analisarmos os resultados das pesquisas feitas em cada escola, vimos que a Escola 1 já se prepara muito bem para receber alunos com necessidades especiais e que a cada dia procura melhorar tanto em estrutura física quanto na preparação dos professores para atender esses alunos.

Já na Escola 2, a estrutura é precária e necessita de mudanças urgentes em todas as áreas, desde a estrutura até ao treinamento como os professores. Para que a inclusão desses alunos se torne uma realidade, muita coisa deve ser feita e já, pois a tendência é de aumento da procura por esta nova modalidade de educação.

Tal fato é bastante preocupante, uma vez que, a Escola 2 recebeu maior contingente de alunos que a Escola 1, mesmo não estando preparada para isso. A inclusão não pode ser feita apenas por força da lei. É importante que todas as escolas estejam preparadas para receber esses alunos em todas as suas necessidades.

5 DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão de alunos com necessidades especiais está gerando muitas dúvidas e estas devem ser esclarecidas e resolvidas com urgência. Nem todas as escolas estão preparadas para receber esse tipo de aluno, e é claro que ao receberem, terão muitas dificuldades de adaptação, tanto estrutural quanto pessoal.

Nas escolas pesquisadas, vimos problemas muito diferentes, que vão desde a localização, passando pela infra-estrutura da escola, até o treinamento e habilitação dos professores para o público com necessidades especiais. Isso dificulta bastante o processo de inclusão desses alunos, mas não o tornam impossível. Faz-se necessário que a escola busque o que precisa e que os órgãos públicos responsáveis atendam, urgentemente, as necessidades de cada escola, que aos poucos seguem recebendo e incluindo esses alunos.

Deve haver também incentivo e treinamento para os professores que são a parte fundamental do processo de ensino-aprendizagem. Esse profissional é o responsável pelas interações que ocorrem entre professor, aluno e objeto do conhecimento. Acredita-se que toda mudança educacional que não tem a participação efetiva do professor esteja fadada ao fracasso.

Acredita-se que todos os alunos merecem ter uma educação de qualidade e com os alunos especiais não pode ser diferente. Afinal, ser diferente é normal.

REFERÊNCIAS

BEYER, H. O. **Inclusão e avaliação na escola: de alunos com necessidades educacionais especiais**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 dez. 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf> .

CARVALHO, R. E. **Removendo Barreiras para a Aprendizagem**. Ed. Mediação, Porto Alegre, 2003.

FONTES, R. **Criança**. Revista Presença Pedagógica, v.11, n.61, p. 03-05, jan./fev. 2005.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

MASIERO, A. **Os novos paradigmas da inclusão**. 2009. Disponível em: <<http://www.pedagogia.com.br/artigos/novosparadigmas/>>. Acesso em: 23 jun. 2010.

MORENO, P. C. **As dificuldades da escola perante a inclusão escolar**. 2009. Disponível em: <<http://www.pedagogia.com.br/artigos/incluescolar/>>. Acesso em: 23 jun. 2010.

UNESCO. Declaração de Salamanca. **Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: acesso e qualidade**. Salamanca, Espanha, 1994.